

Coral PoliVozes em meio à Pandemia da COVID-19: os desafios de cantar junto a distância

Comunicação

Zelmielen Adornes de Souza
Universidade Federal de Santa Maria
zelmielen@hotmail.com

Daniel Torri Souza
Universidade Federal de Santa Maria
daniel.contratenorviola@gmail.com

Resumo: O trabalho apresenta o relato de experiência acerca de um projeto de ensino, criado em 2018, que teve como objetivo geral construir e desenvolver um grupo coral no/do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. Para tanto, traz informações sobre o projeto, sobre a implantação da oficina de canto coral em 2019 e seu desenvolvimento. No ano de 2020, focaliza os desafios vividos em meio à Pandemia da COVID-19, a qual trouxe a necessidade do distanciamento social e de mudanças na metodologia de trabalho, o que demandou o uso de tecnologias para dar continuidade às atividades do projeto, especialmente no que se refere à realização de ensaios virtuais. Por fim, destaca os aprendizados construídos e as contribuições proporcionadas aos integrantes do coral no que diz respeito ao bem estar emocional e ao fortalecimento do sentimento de pertencimento ao grupo.

Palavras-chave: Prática Coral em Escolas. Colégio Politécnico. Ensaios musicais virtuais.

Prática coral em escolas

A prática coral em escolas é um assunto recorrente em pesquisas do campo da Educação Musical, tendo em vista a sua relevância na formação musical de crianças, jovens e adultos. Mateiro, Vechi e Egg (2014, p. 65), por meio de uma revisão de literatura realizada nas publicações da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), entre os anos de 1992 e 2012, constataram “que o canto coral na escola traz à tona, além do simples cantar, o desenvolvimento musical e os devidos cuidados a serem tomados com a voz”.

A trajetória do canto coral em escolas no Brasil tem alguns exemplos marcantes, sendo o mais representativo deles o caso do Canto Orfeônico, por intermédio da atuação de Heitor Villa-Lobos durante o governo de Getúlio Vargas. Como destaca Fonterrada (2008, p.

213), “com Villa-Lobos temos a valorização dos grandes agrupamentos corais, a serviço da identidade musical brasileira, conquistada pelas pesquisas de campo e transmitida com agilidade às escolas”.

Muitas mudanças ocorreram desde essa experiência (MATEIRO; VECHI; EGG, 2014). Atualmente, não é comum vermos grandes grupos corais em tanta evidência em nosso país, contudo, há escolas que desenvolvem atividades de canto coral. Essas atividades ocorrem de diferentes formas, podendo estar vinculadas às disciplinas curriculares de Música/Artes ou em projetos extraclasse. Nesses espaços educativos, destaca-se a relevância da prática coral, para os participantes, enquanto “um direito (não um privilégio) e uma necessidade (não um ornamento)” (CAMPOS; CAIADO, 2007, p. 60).

Refletindo sobre a importância da prática coral em instituições de ensino, em 2018, foi elaborado um projeto visando à construção de um grupo coral no Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Neste trabalho, inicialmente, relatamos sobre esse processo de criação e implantação, apresentando informações sobre o projeto e sobre o primeiro ano de desenvolvimento do coral; após, focalizamos os desafios vividos, no ano de 2020, especialmente com a realização de ensaios mediados por tecnologias devido à Pandemia da COVID-19, a qual trouxe a necessidade do distanciamento social.

Projeto Coral do Politécnico

O projeto de ensino “Coral do Politécnico” foi criado no segundo semestre de 2018 e teve como objetivo geral construir e desenvolver um grupo coral no/do Colégio Politécnico. Especificamente, o projeto busca explorar as potencialidades da voz falada e cantada; proporcionar orientações e técnicas envolvendo o cuidado com a voz; oportunizar a formação musical através da prática coral; preparar apresentações musicais; desenvolver a escuta atenta e crítica, assim como o senso estético-musical; e promover o sentimento de pertencimento ao grupo, através da socialização e da interação com diferentes segmentos da comunidade escolar.

Para a implementação dessa proposta, inicialmente, foi realizado um estudo de viabilidade junto à comunidade de servidores e estudantes do Colégio Politécnico, buscando definir o melhor dia e horário para os ensaios do coral, bem como o local mais adequado.

Ainda no segundo semestre de 2018, foi feito um levantamento de repertório de músicas corais e a organização de um Banco de Partituras, que totalizou 80 partituras arquivadas digitalmente em pastas categorizadas e catalogadas em planilha de Excel, para ser utilizado futuramente pelo coral. O Banco de Partituras abrange um repertório diverso de músicas corais para duas, três ou quatro vozes, assim como canções em uníssono e cânones. Algumas partituras também preveem acompanhamento instrumental. As músicas selecionadas no Banco apresentam diferentes estilos (canções populares, folclóricas e eruditas) e algumas atendem a datas comemorativas, tais como a do Natal.

As atividades práticas do coral tiveram início no primeiro semestre de 2019, organizadas na forma de uma oficina de música, com a realização de ensaios presenciais semanais de uma hora. Para a inscrição de participantes na oficina, a cada semestre, foram confeccionados cartazes divulgados no site institucional, nas redes sociais e nos murais do Colégio. As inscrições foram feitas através de ferramenta de Formulários da Conta Google. Houve uma procura considerável de pessoas interessadas em cantar no coral e acabamos por deixar o prazo de inscrições aberto. Inscreveram-se estudantes de diferentes níveis de ensino (ensino médio, técnico e graduação) e servidores oriundos do Colégio, bem como de outros centros da universidade e pessoas externas à instituição. Assim como ocorre em outros corais, tivemos certa rotatividade entre os participantes.

Uma vez instituídos, os coros podem ter uma longevidade que ultrapassa o tempo de permanência das pessoas que deles fazem parte. Assim, verifica-se certa rotatividade de pessoas, ao longo da história dos coros, na medida em que elas entram, permanecem por mais ou menos tempo, e saem. Os coros, de maneira geral, vão renovando constantemente o rol dos seus membros. (DIAS, 2012, p. 133).

Contudo, os integrantes que permaneceram criaram um forte vínculo com o coral, o qual levou ao desejo de criar um nome para o grupo e de fazer camisetas para serem usadas em apresentações musicais. Assim, o coral ganhou o nome PoliVozes - Coral, escolhido por seus integrantes, e uma identidade visual. Além disso, os integrantes participaram da escolha de algumas músicas do repertório do coral, levando em conta que a “escolha do repertório determina grande parte do sucesso da aprendizagem do grupo” (FIGUEIREDO, 1989, p. 75).

Outro ponto que contribuiu para a permanência e para o sentimento de pertencimento ao grupo deve-se às apresentações musicais. A primeira apresentação foi realizada ainda no primeiro semestre de 2019, na entrada de um dos blocos do Colégio, e teve como tema o Dia das Mães. Essa experiência marcou significativamente o grupo. Foi um momento em que receberam uma resposta positiva da comunidade escolar, o que motivou a continuidade no trabalho que estava sendo realizado.

A estabilidade do coro é um processo em constante desenvolvimento. Como visto acima, ela se dá a partir da condição de permanência de um número considerável de membros, ou seja, os que passam maior tempo e que asseguram assiduidade regular à dinâmica do coro ao longo do ano, ou de vários anos. Assim, embora a estabilidade seja relativamente fluida, a existência dela é uma pré-condição essencial para a sobrevivência do coro. Como a organização dele é, ao mesmo tempo, um processo de formação grupal, os seus membros desenvolvem gradualmente características comunitárias, tais como a proximidade geográfica, a afinidade cultural e o sentimento de pertença (MacQueen et al., 2001). (DIAS, 2012, p. 134).

Ainda no ano de 2019 foram realizadas mais quatro apresentações musicais, duas no espaço do Colégio, uma em um dos auditórios da universidade e outra em um evento acadêmico realizado no município. Todas essas vivências tiveram grande repercussão na vida dos participantes e na escola técnica, a qual nunca havia tido a experiência de uma formação coral no espaço escolar.

Atividades do coral em meio à Pandemia da COVID-19

No primeiro semestre de 2020, no mesmo dia em que os ensaios estavam previstos para iniciar, o reitor da UFSM suspendeu as atividades acadêmicas e administrativas presenciais em função da Pandemia da COVID-19, enfermidade causada pelo Coronavírus (Sars-CoV-2). Com isso, os ensaios presenciais do coral tiveram que ser temporariamente cancelados.

No mês abril, a suspensão das atividades presenciais foi prorrogada sem uma previsão para retorno. Isso, somada à sugestão de uma participante do coral, mobilizou a criação de estratégias para dar continuidade às atividades corais, as quais demandaram a utilização de recursos tecnológicos. Também foi reforçado o uso de meios virtuais que já estavam sendo utilizados desde 2019, tais como o WhatsApp e o Facebook.

A primeira ação voltou-se à criação de uma turma na Plataforma Google Classroom e à produção de vídeos didáticos com as partes que compõem um ensaio, a saber: alongamento e respiração; aquecimento e técnica vocal; e desenvolvimento de repertório. Esses vídeos foram publicados em um Canal do YouTube e compartilhados com os integrantes do coral, juntamente com as partituras, no Google Classroom, de modo que pudessem assistir e praticar os exercícios em suas casas. Nos vídeos, foi priorizado o trabalho com músicas em uníssono e cânones, algumas novas e outras que haviam sido estudadas no coral em 2019.

Além dos vídeos, como forma de complementação, áudios com as gravações das músicas foram enviados aos participantes, tanto pela plataforma Google Classroom quanto pelo WhatsApp do grupo. A prática de enviar áudios já vinha sendo feita desde o ano anterior.

Em junho, realizamos o primeiro encontro virtual síncrono do coral utilizando o serviço de comunicação por videoconferência Google Meet. Esse encontro foi marcado com o intuito de rever os participantes, de saber como estavam e de planejar as próximas ações do coral. Nem todos puderam participar, mas foi um momento muito válido, tendo em vista que alguns integrantes moram em outros estados brasileiros, onde a situação da COVID-19 estava mais preocupante naquele período. Nesse sentido, compartilhamos nossas vivências nos últimos meses e avaliamos as atividades que estavam sendo desenvolvidas a partir dos vídeos.

Por meio dessa conversa, frente ao desejo de mais encontros síncronos do grupo, começou-se a fazer ensaios virtuais via Google Meet. Nos ensaios virtuais, o número de participantes foi menor que o número de inscritos no coral antes da pandemia. Alguns participantes declararam preferir continuar acompanhando o coral através da gravação dos ensaios, seja por problemas de conciliar os encontros com outros compromissos, seja por não se sentirem confortáveis em cantarem frente a uma tela. Desse modo, todos os ensaios foram gravados, sendo compartilhados via WhatsApp e postados no Google Classroom.

Nos ensaios virtuais, retomamos as músicas desenvolvidas nos vídeos e outras foram incluídas, dentre elas uma que foi solicitada pelos participantes, a música “Peça Felicidade”, do grupo Melim. Além dessa, integram o repertório do coral as seguintes

músicas: “Solfejar e Cantar” (Newton W. Macedo); “Ah! Que lindo dia” (Anônimo); “Canto do povo de um lugar” (Caetano Veloso); “Du Bi Da Ba Du” (Autor desconhecido – Partitura de Marcio Buzatto); “Las Manzanas” (Rubem Rada); “Rock my soul” (Spiritual); “Dança da Paz” (Anônimo); “Baião” (Folclore brasileiro); “Dó, ré, mi, fá, sol” (Folclore brasileiro); e “Minha Canção” (Chico Buarque).

O trabalho com esse repertório, via Google Meet, trouxe o grande desafio do cantar junto a distância. O atraso da transmissão e os eventuais problemas de conexão acabam por impossibilitar que todos os participantes cantem ao mesmo tempo. Como meio de contornar essas dificuldades, a regência está tendo seu papel ressignificado, pois a precisão técnica da condução dos cantores na execução do repertório tem cedido o seu lugar para o processo de mediação do encontro de vozes em diferentes tempos e espaços. Nesse sentido, a prioridade da regência não se concentra em seguir o que está na partitura, e o que os coralistas estão cantando em si. A interpretação da partitura transforma-se e torna-se fluída no tempo e espaço imprecisos dos artefatos tecnológicos utilizados e das condições as quais eles são dependentes. Pode-se dizer que, mais do que nunca, reforça-se o papel de educador musical do regente (TEIXEIRA, 2008). Para os participantes, o caráter visual da condução do regente, através dos gestos, torna-se mais importante do que os sons das vozes de cada um, os quais acabam, muitas vezes, por confundi-los.

O próximo desafio será a produção de vídeos musicais do coral, nos quais será feita uma montagem com as gravações de cada integrante cantando uma música do repertório estudado no coral. Essa experiência será nova e diferente para o grupo, possibilitando a divulgação do PoliVozes em mídias sociais.

Desse modo, tem sido um processo de muito aprendizado para todos os envolvidos e, mesmo com um número reduzido de participantes, os ensaios virtuais estão sendo muito proveitosos, lembrando que, independente do formato, o coral “é uma prática de ensino-aprendizagem repleta de significados, destacando-se o valor do encontro dos cantores entre si e dos cantores com o/a regente” (TEIXEIRA, 2008, p. 189). Frente ao contexto de pandemia, os ensaios também têm contribuído significativamente para o bem estar emocional dos integrantes e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao grupo.

Notas conclusivas

A experiência com o projeto coral do Politécnico tem sido muito significativa e desafiadora, especialmente no contexto da Pandemia de COVID-19. Enquanto primeiro coral do Colégio Politécnico, o PoliVozes tem tido uma repercussão bastante positiva, mudando concepções sobre o espaço da música em uma escola técnica e mobilizando a integração de participantes de diversos seguimentos da comunidade interna e externa à universidade, tendo em vista que integram o coral estudantes e professores de diferentes níveis de ensino, profissionais aposentados, entre outros. Essa pluralidade imprime riqueza às relações pessoais e às vivências musicais compartilhadas, estreitando laços afetivos que fortalecem o grupo.

Os ensaios, tanto os presenciais no ano de 2019 quanto virtuais em 2020, têm se constituído em um importante espaço formativo de partilha de vivências, de construção de conhecimentos musicais, de promoção de bem estar e de crescimento musical e pessoal para os envolvidos. O isolamento social, provocado pela Pandemia da COVID-19, acabou por potencializar novas formas de estar e de cantar junto a distância, através de meios virtuais, promovendo novos aprendizados e a ressignificação do papel da regência coral. Nesse sentido, mesmo com o retorno das atividades presenciais, pretende-se continuar com as atividades em um modelo híbrido: presencial-virtual.

Referências

CAMPOS, Ana Yara; CAIADO, Katia Regina Moreno. Coro universitário: uma reflexão a partir da história do Coral Universitário da PUC-Campinas, de 1965 a 2004. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 17, p. 59-68, set. 2007.

DIAS, Leila Miralva Martins. Interações pedagógico-musicais da prática coral. *Revista da ABEM*, Londrina, v.20, n.27, p. 131-140, jan./jun. 2012.

FONTEIRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funart, 2008.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem? *Revista Opus*, Porto Alegre, v. 1, p. 72-78, dez. 1989.

MATEIRO, Teresa; VECHI, Hortênsia; EGG, Marisleusa de Souza. A prática do canto na escola básica: o que revelam as publicações da ABEM (1992-2012). *Revista da ABEM*, Londrina, v. 22, n. 33, p. 57-76, jul./dez. 2014.

TEIXEIRA, Lúcia. Espaços de atuação e formação de regente corais: os desafios do contexto. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 189-211.